

Dê mais Paromas ao seu estilo.



GRANDES
PROMOÇÕES.
CONFIRA!

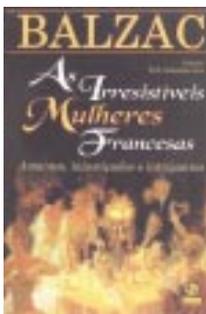
TELENTREGA
ESTACIONAMENTO
CONVENIADO

Av. Farrapos, 171 • Floresta • POA • Fone: 51.3224.5458 • e-mail: paromas@terra.com.br

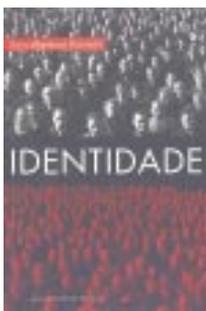
LANÇAMENTOS



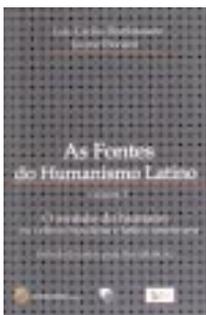
Sobre as ruínas do museu – Douglas Crimp, professor da Universidade de Rochester, investiga neste livro em que medida o sentido de uma obra de arte é construído ou reconstruído pela instituição museológica na qual a peça é exibida. São nove ensaios publicados originalmente na revista *October*. Investiga temas como o fim da pintura ou o uso da fotografia na pós-modernidade. Combina-se ao texto um ensaio fotográfico de Louise Lawler. Martins Fontes, 304 páginas, R\$ 47,50.



As irresistíveis mulheres francesas – Este livro, com tradução de Sebastião Paz, reúne dois contos de Honoré de Balzac (1799 – 1850), o reputado autor da Comédia humana. O primeiro, *Estudo de mulher*, é de 1830. O segundo, *Outro estudo de mulher*, foi escrito entre 1839 e 1842. Reproduzem o atento olhar de Balzac sobre o modo de vida das mulheres de seu tempo – seus hábitos, seus anseios e suas contradições. Golden Books, 112 páginas, R\$ 19,90.



Identidade – Este livro apresenta uma entrevista do jornalista italiano Benedetto Vecchi com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, professor emérito da Universidade de Leeds. Bauman explica como a noção de identidade se tornou um conceito-chave para compreender a vida social na chamada “modernidade líquida”. A partir daí, ele desvenda fenômenos contemporâneos como o fundamentalismo islâmico ou as comunidades virtuais da Internet. Jorge Zahar Editor, 112 páginas, R\$ 19.



As fontes do humanismo latino – Organizado por Luiz Carlos Bombassaro e Jayme Paviani, este é o terceiro volume da série dedicada a expor a formação dos ideais e dos valores humanistas do Ocidente. Com o subtítulo de *O sentido do humano na cultura brasileira e latino-americana*, o livro oferece uma seleção de textos de autores que cristalizaram esse tema em nosso continente, de Pero Vaz de Caminha a José Guilherme Merquior, passando por Machado de Assis, Manuel Bandeira e Gerd Bornheim. Edipucrs, 352 páginas, R\$ 36.

RBS ZERO HORA

CULTURA

Edição: Eduardo Veras
Diagramação: Carolina Porto Ruwer

Telefone: (51) 3218-4382
eduardo.veras@zerohora.com.br



Em Buenos Aires, anúncio estimula o consumo de produtos nacionais: crise compõe o pano de fundo do livro “Milonga”

Dolorosa e reveladora milonga

Romance de Tony Cartano ajuda a compreender a Argentina de hoje, como se o próprio país fosse submetido a uma sessão de psicanálise

MOACYR SCLiar *

O termo **milonga** é de origem africana e significa “palavra”. Designa um gênero musical que surgiu no século 19 e foi cultivado pelos gaúchos argentinos. De início, era música exclusivamente cantada, pelos “payadores”, acompanhados pela guitarra. Mais tarde, tornou-se uma dança; “ir à milonga” significa *ir bailar*. Neste sentido, a milonga precedeu o tango, embora este último tenha obtido projeção mundial.

Milonga foi o título que Tony Cartano, romancista e editor (grande divulgador da literatura brasileira na França) deu a seu romance, publicado pela Albin Michel em Paris e lançado no Brasil (com tradução de Procópio Abreu) pela Record (352 páginas, R\$ 39,90). A obra gira em torno a três personagens, descendentes de uma família marcada pelo conflito. Como muitos outros argentinos, Gabriel, Rafael e Estefânia Ortega passaram pelo exílio na Europa. E os três procuram na arte (a fotografia, a pintura, a dança) não apenas uma forma de expressão como também uma compensação, um consolo para as agruras pelas quais passaram e passam. Gabriel e Rafael acabam retornando a Buenos Aires, onde lhes aguarda um reencontro com o trágico passado, agravado pela incompatibilidade que os separa (Gabriel é, a propósito, o criador de um espetáculo de grande sucesso, a *Milonga* que dá título à obra). Da relação entre estes personagens e vários outros que vão emergindo da narrativa, nascem os diálogos, que são o ponto alto do livro e que podem ser definidos como uma espécie de psicanálise (claro que na história não falta um psicanalista) da Argentina atual.

Não deixa de causar admiração o fato de *Milonga* não ter sido escrito por um autor argentino residente no país. O distanciamento geográfico, porém, não impede que Tony Cartano tenha uma perfeita visão da Argentina. Aliás, é interessante lembrar que muitos escritores argentinos, e Julio Cortázar disto é um exemplo, escreveram grandes textos sobre seu país quando exilados no Exterior. Porque a Argentina não é só um país; a Ar-



gentina é um estado de espírito, o que ficou tragicamente evidenciado durante os anos de ditadura e no período que a esta se seguiu. Aliás, deve-se dizer que a Argentina enfrentou o desafio de exorcizar os espectros do autoritarismo com mais determinação que o Brasil; mostra-o o cinema, que começando com *A história oficial* produziu filmes antológicos sobre o doloroso tema (é verdade que a ditadura lá foi muito mais sangrenta).

No entanto, o período pós-repressão envolveu (como no Brasil), um anti-clímax, uma situação de perplexidade, e é isto que Tony Cartano mostra muito bem. Serve de exemplo a fala de Gabriel: “Somos um povo sinistrado. E mesmo assim, apesar das passeatas, das explosões de cólera, das porradas, do estupor e da fome, a vida continua. (...) Na televisão, as novelas do Brasil e da Venezuela alternam com reality shows em que as pessoas se matam na esperança de um emprego, em que ganhar o bolão significa simplesmente conseguir um contrato de trabalho”. Mais adiante Gabriel transcreve a frase de um vendedor de jornais: “Até os cegos têm os olhos vermelhos... de vergonha”. E comenta, para finalizar: “Meus compatriotas são todos stars. Mesmo com cento e cinquenta dólares de renda, acham-se tão bem pagos quanto as estrelas da tevê ou do futebol. Nossos psicanalistas inventaram, é claro, um truque para falar disso: ‘a neurose do vedetismo’.”

É claro que existe aí um componente de baixa auto-estima, que também não é raro no Brasil e que representa uma espécie de contrapartida ao ufanismo que durante muito tempo dominou a América Latina e que, no Brasil, teve sua maior expressão na obra do Conde Afonso Celso, *Porque me ufano de meu país*. De qualquer modo, *Milonga* faz o leitor pensar. Não por coincidência, a epígrafe do livro é de Jorge Luis Borges: “Não nos une o amor, mas o terror; deve ser por isso que a amo tanto”. Em nossos países, amor e terror se superpõem, fazem parte de nossa realidade – uma realidade que precisamos desesperadamente entender. E para isso, a obra de Tony Cartano é uma grande ajuda.

* Escritor, médico e professor, autor de *A mulher que escreveu a Bíblia*, entre outros livros